

Culturas Infantis / Children's Cultures

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.22>

Manuel Jacinto Sarmiento

Universidade do Minho, Instituto de Educação, Portugal

Culturas Infantis

As culturas infantis são constituídas pelos processos simbólicos através dos quais as crianças entretecem os fios de sentido com que interpretam o mundo e estabelecem as bases das suas interações com outras crianças e com os adultos. Apesar de profundamente embrenhadas nas culturas sociais e construídas na socialização com adultos de referência (sobretudo pais e professores) e na socialização de pares, as culturas infantis apresentam especificidades e características exclusivas nas suas formas (linguagem, jogos, práticas culturais, rituais, etc.), nos processos de significação, nos protocolos de comunicação e na articulação interna dos seus elementos. Essas especificidades desenham-se no quadro de uma profunda diversidade cultural e exprime-se no interior das “formas”, “círculos” ou “esferas” de interação infantil (a família, a escola, a comunidade, a nacionalidade, a cultura global), sendo expressa nas relações das crianças entre si e com a sociedade.

As culturas infantis, como conceito, foram propostas, pela primeira vez, por antropólogos que, no estudo das comunidades culturais que selecionaram para o seu trabalho etnográfico, foram identificando formas e conteúdos culturais apenas produzidos e transmitidos pelas crianças entre si, ainda que integrassem e refletissem as suas vivências e interações com os adultos. No entanto, o conceito com esta formulação precisa, provavelmente só emerge no ensaio seminal da antropóloga americana Charlotte Hardman, inicialmente publicado em 1973, na qual afirma textualmente: “Children do reveal a segment of the society’s stock of beliefs, values and social interaction, which is exclusive to them.” (Hardman, 2001, p. 516). No entanto, outras investigações anteriores, já tinham destacado esta especificidade e exclusividade das formas simbólicas estruturadas produzidas pelas crianças. A título de exemplo (maior), registre-se a investigação do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes junto das crianças do centro de São Paulo, realizada na primeira metade da década de 40 do século passado, onde, justamente, se destaca a capacidade das crianças para produzirem formas culturais autónomas, de as transmitirem entre si e de as reproduzirem nas suas múltiplas variedades formais: formas de seleção, rodas, jogos, parlendas, pegas (partidas), ex-libris. Escreve o autor: “Existe uma cultura infantil – uma cultura

constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual” (Fernandes, 2004, p. 215).

A Sociologia da Infância incorporou o conceito, e utiliza-o para dar conta dos processos simbólicos presentes nas interações infantis. O sociólogo americano William Corsaro, a partir do diálogo com o campo da Psicologia Social e na sequência de um amplo trabalho etnográfico com crianças americanas e italianas, teoriza e divulga o conceito, referindo-o sobretudo em torno da temática das “culturas de pares”. Na verdade, Corsaro (1999) considera que a gênese dos processos simbólicos das crianças se desenvolvem em torno da “reprodução interpretativa” da herança cultural adulta: as crianças recebem-na e redefinem-na, inventando novos significados e temas nas suas interações com outras crianças, fortemente marcadas pela ludicidade e a criatividade infantil. A interação criança-adulto é, por consequência, no processo genético das culturas infantis, tão importante quanto a interação criança-criança. Nesse sentido, a referência à cultura de pares poderá ser redutora do complexo processo de produção e reprodução das culturas infantis. Na verdade, estas são continuamente atualizadas, mas há aspectos que se transmitem ao longo do tempo, sobretudo em relações intrageracionais, das crianças mais velhas para as crianças mais novas, e que se conservam como patrimônio cultural da infância. Um exemplo apenas: o pião é um brinquedo infantil, mil vezes reinventado nos jogos que propicia ao longo dos séculos. Mal sabem as crianças que a sua origem remonta aos rituais egípcios de invocação do movimento perpétuo e do eterno retorno... Não obstante, resignificam-no, sempre que o projetam, puxado o atilho, contra o círculo inscrito na terra, ou peão das nicas que se quer ferir com o seu bico acerado.

A dimensão lúdica da infância é essencial à caracterização das suas culturas, como tem sido sinalizado por inúmeros trabalhos da disciplina (cf., Delalande, 2001). Mas não é a única. Outras dimensões estão presentes, nomeadamente na relação entre indivíduo e grupo geracional na produção cultural, na relação entre evocação do real e a sua transfiguração imaginária, na relação do tempo entre duração e reiteração. A produção de uma gramática das culturas infantis (Sarmiento, 2004) capaz de as estudar, na diversidade de que se compõem, nas suas formas (morfologia), nos seus processos de significação (semântica), nas suas estruturas internas (sintaxe) e nos seus protocolos de comunicação (pragmática) é uma tarefa sociológica em larga medida ainda por construir. E, todavia, é absolutamente imperiosa, sobretudo quando as culturas infantis são invadidas pela indústria cultural para crianças, e sua parafernália de vídeos, jogos eletrônicos,

mangás, aplicações, desenhos animados e tudo quanto constitui a pretensão da colonização pelo mercado da infinita capacidade das crianças em, brincando, produzir cultura.

Children's Cultures

Children's cultures are comprised of the symbolic processes through which children weave the threads of meaning which they use to interpret the world and establish the basis of their interactions with other children and adults. Although deeply embedded in societal cultures and built on socializing with adults as references (especially parents and teachers) and with peers, children's cultures have specificities and characteristics that are unique in their manifestations (language, games, cultural practices, rituals, etc.), in the signification processes, in the communication protocols and in the internal coordination of their elements. These specificities are framed in the context of a vast cultural diversity and are expressed within the "forms", "circles" or "spheres" of children's interactions (family, school, community, nationality, global culture), revealed in the children's relations with each other and with society.

The concept of children's cultures was proposed for the first time by anthropologists, who, in their research on the cultural communities they had selected for their ethnographic work, were identifying forms and cultural content produced and transmitted only by children among themselves, even though they integrated and reflected their experiences and interactions with adults. However, the concept with this precise formulation probably only emerged in the seminal essay by American anthropologist Charlotte Hardman, initially published in 1973, which states: "Children do reveal a segment of the society's stock of beliefs, values and social interaction, which is exclusive to them." (Hardman, 2001, p. 516). However, other previous research had already highlighted this specificity and exclusivity of structured symbolic forms produced by children. As an important example, the research carried out by the Brazilian sociologist Florestan Fernandes among the children in the centre of São Paulo, in the first half of the 1940's, demonstrates precisely, the children's ability to produce autonomous cultural forms, to transmit them to each other and to reproduce them in their multiple varieties of forms: forms of selection, circle time, games, rhymes, tricks and jokes. The author writes: "There is a children's culture - a culture consisting of cultural elements almost exclusive to the immature and characterized by their current playful nature" (Fernandes, 2004, p. 215).

Sociology of Childhood incorporated the concept and uses it to account for the symbolic processes present in children's interactions. The American sociologist William Corsaro, in dialogue with the field of Social Psychology and following an extensive ethnographic study with American and Italian children, theorizes and disseminates the concept, referring to it mainly around the theme of "peer cultures". In fact, Corsaro (1999) considers that the genesis of children's symbolic processes is developed in the "interpretative reproduction" of adult cultural heritage: children receive it and redefine it, inventing new meanings and themes in their interactions with other children, and displaying significant playfulness and creativity. The child-adult interaction is, therefore, in the genetic process of children's cultures, as important as the child-child interaction. In this sense, the reference to peer culture may be reductive in the complex production and reproduction processes of children's cultures. In fact, these cultures are continually updated, but there are aspects that are transmitted over time, especially in intra-generational relationships, from older children to younger children, and which are preserved as a cultural heritage of childhood. Just one example is the children's toy, the spinning top, reinvented endlessly in the games it has provided over the centuries. Little do the children know that its origin dates to the Egyptian rituals of invoking perpetual movement and the eternal return. Nevertheless, it is given new meaning, whenever it is thrown.

The playful dimension of childhood is essential to the characterization of children's cultures, as has been signaled by countless works in the field (cf., Delalande, 2001). But it is not the only one. Other dimensions are present, namely in the relationship between individual and generational groups in cultural production, in the relationship between evocation of the real and its imaginary transfiguration, in the relationship of time between duration and repetition. The production of a grammar of children's cultures (Sarmiento, 2004) that is capable of studying them, in all their diversity and complexity- in their forms (morphology), in their processes of meaning (semantics), in their internal structures (syntax) and in their communication protocols (pragmatic)- is a sociological task yet to be achieved. And yet, it is imperative, especially when children's cultures are invaded by the cultural industry for children and its paraphernalia of videos, electronic games, manga, applications, cartoons and everything else that constitutes the colonization by the market of the infinite capacity of children, through play, to produce culture.

Referências / References

- Corsaro, W.A. (1997). *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press.
- Delalande, J. (2001). *La Cour de la Récréation. Contribution à une anthropologie de l'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Fernandes, F. (2004). *Folclore e Mudança Social em São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes (3.^a ed.).
- Hardman, C. (2001). Can there be an Anthropology of Children? *Childhood*, 8, 501-517.
- Sarmiento, M. J. (2004). As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2.^a Modernidade. In M. J. Sarmiento, A. B. Cerisara (Eds.), *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação* (pp. 9-34). Porto: Asa.